

## ERGOLOGIA

Do grego *ergo* significando ação, trabalho, obra. Nas proposições de G.G.Granger, a *Ergologia Transcendental* propunha reunir aos usos tradicionais da palavra trabalho uma pertinência do termo no campo linguageiro e científico. O termo sugere ainda uma reavaliação da distinção entre *praxis* e *poiësis*, entre produção de artefatos e campo de ação orientado para os valores (SCHWARTZ, 1997, p. 23; CUNHA, 2005, p. 124-201). O trabalho *strictu sensu*, no sentido de atividade remunerada no quadro de sociedades mercantis e de direito, é lugar privilegiado de expressão dos processos ergológicos que convidam a pensar a natureza humana nisso que ela possui de universal. Entretanto, essa experiência é *uso de si* sempre singular nas situações laborais também sempre singulares. O interesse da ergologia está em, nas análises do trabalho, reincorporar os trabalhadores enquanto *sujeitos* ético-políticos, históricos, socioculturais e epistemológicos. Esse interesse exige um esforço de ‘observar o trabalho com uma lupa’, implicando um aprofundamento das dimensões micro e macrossociais; da singularidade dos sujeitos e as diversas conjunturas político-sociais econômicas (SCHWARTZ, 2007). Ao propor um triângulo mesclando valores-saberes-atividade, assume as contribuições da *ergonomia da atividade*, mas interroga o patrimônio filosófico sobre esse conceito e assume consequências epistemológicas e ético-políticas para um novo regime de produção de saberes, bem como para transformações emancipatórias do trabalho. Enquanto *disciplina do pensar* - no uso de nossa faculdade de trabalhar com os conceitos -, opõe-se e exige sempre um confronto com a disciplina epistêmica cuja existência pressupõe eliminação daquilo que não é generalizável para se estabelecer como conhecimento. *Porque um processo ergológico “renormaliza” em proporções e direções jamais exatamente antecipáveis, o conceito é então, por princípio, em parte submetido à injunção de reaprendizagem dele mesmo e é, por princípio, uma primeira aproximação* (SCHWARTZ, 1997, p. 24). São disciplinas diferentes do ponto de vista dos seus conceitos, do modo de uso dos mesmos, dos processos de validação e na sua relação com a história. Devemos incorporar o ponto de vista da atividade humana através do acesso aos valores, saberes e competências que são colocados em exercício no ato do trabalho num debate indefinidamente renovado entre

normas antecedentes e tentativas de renormalização por parte daqueles que trabalham. A incorporação da atividade gera *desconforto intelectual* (SCHWARTZ, 2000) nas atividades de pesquisa e/ou de gestão, uma vez que, produtora de história nas situações de trabalho, exige tirar consequências para o terreno da produção científica nos diversos campos do saber que estudam o trabalho humano no campo das ciências humanas em geral e proporciona mesmo compreender os vieses subjetivos que integram a produção científica. O trabalho aqui é entendido como unidade problemática entre atividade humana, as condições reais de trabalho e os resultados efetivos obtidos. As situações de trabalho condensam as marcas da história humana do trabalho através dos *conhecimentos acionados, os sistemas produtivos, as tecnologias utilizadas, as formas de organização, os procedimentos escolhidos, os valores de uso selecionados e, por detrás, as relações sociais que se entrelaçam e opõem os homens entre si (...)* toda atividade de trabalho encontra *saberes acumulados nos instrumentos, nas técnicas, nos dispositivos coletivos; toda situação de trabalho está saturada de normas de vida, de formas de exploração da natureza e dos homens uns pelos outros* (SCHWARTZ, 2003, p. 23). Se o trabalho tem sempre uma dimensão do prescrito, ele tem sempre também uma dimensão histórica que nos reenvia a uma experiência do ‘uso de si’ que fazem os trabalhadores. E o fazem segundo suas normas próprias, seus valores e saberes. Nesse sentido, podemos falar também de produção e retrabalho dos saberes e valores contidos no trabalho prescrito em nível local em função de exigências que são aquelas que se inscrevem nas configurações diversas das situações de trabalho. Abordar o trabalho levando em consideração as múltiplas dimensões humanas no seu exercício é um desafio em termos de produção de conhecimentos, pois aspectos políticos, biológicos, psicológicos, socioculturais, econômicos e jurídicos precisam ser levados em conta, bem como a sua realidade no tempo e no espaço; o trabalho é sempre um exercício situado. A abordagem ergológica oferece um quadro apropriado para integrar aportes das diversas disciplinas que tratam do trabalho e desenvolver uma abordagem efetivamente transdisciplinar à condição que recupere o trabalho em toda sua complexidade no momento mesmo de sua realização como matéria para o diálogo entre as disciplinas. Via *Dispositivos Dinâmicos a Três Polos* - lugar para fertilizar essa epistemologia, encontramos através das dramáticas de uso de si na vida e no trabalho essa atividade-síntese das diversas dimensões humanas. Nesse espaço, deve

emergir a experiência de trabalho buscando análises que levem em conta o homem não apenas como reprodutor de tarefas, mas como ser vivo (biológico e sociocultural) agindo sobre o meio laboral. É necessária uma postura de escuta desse sujeito buscando compreender sua relação com a situação de trabalho num reconhecimento de sua história e singularidade. Num polo, a experiência de trabalho em toda sua especificidade, no outro, os saberes genéricos das disciplinas e dos campos científicos. Um terceiro polo seria aquele das disposições éticas e epistemológicas presente no projeto de cooperação em comum. O Departamento de Ergologia da Universidade de Provence – França tem suas origens no *Dispositivo de Análise Pluridisciplinar de Situações de Trabalho (APST)*, criado em 1983-1984 pelos Professores Yves Schwartz, Daniel Faïta e Bernard Vuillon. Esse Dispositivo era vinculado ao *Centre d'Épistemologie et d'Ergologie Comparative – CEPERC* daquela universidade e tinha como atividade principal um estágio de formação contínua de 160 horas para 15 assalariados, no quadro das possibilidades abertas pela Lei de Formação Contínua francesa. Essa primeira experiência é relatada na obra coletiva “*L’Homme Producteur*” e sua institucionalização deu origem ao atual Diploma Universitário (D.U.) em Análise Pluridisciplinar de Situações de Trabalho. Esse curso é destinado a trabalhadores sem o diploma universitário ou de Ensino Médio. Em 1989, foi criado o Diploma de Estudos Superiores Especializados (DESS) para atender estudantes universitários de diversas disciplinas das ciências humanas e assalariados em regime de formação contínua sem diplomas universitários. Em 1997, foi criado o então Departamento de Ergologia que hoje, seguindo normas da reforma educacional europeia, oferta o *Master* de Ergologia em duas vertentes: Análise Pluridisciplinar de Situações de Trabalho (Percurso Profissional) e Epistemologia e Ergologia (Percurso Pesquisa). Abordagem Ergológica do Trabalho.

**DAISY MOREIRA CUNHA**

CUNHA, D. *La formation humaine entre le concept et l'expérience du travail*: éléments pour une pédagogie de l'activité. 2005. Tese (Doutorado) - Université de Provence, Faculté de Lettres, Aix-en-Provence.

SCHWARTZ, Y. (Org.). *Reconnaitances du travail*: pour une approche ergologique. Paris: PUF, 1997.

SCHWARTZ, Y. *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse: Éditions Octarès, 2000.

SCHWARTZ, Y. *Trabalho e ergologia*: conversas sobre a atividade humana. Rio de Janeiro: EDUFF, 2007.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e saber. *Trabalho e Educação*, Belo Horizonte v.12, n.1, p.21-49, 2003.